

A PRESENÇA DA POESIA POPULAR NA ESCOLA: UMA EXPERIÊNCIA COM O CORDEL NO ENSINO MÉDIO

Aline Nunes Barbalho de Araújo
Lílian de Oliveira Rodrigues
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

RESUMO: O presente trabalho tem como interesse central refletir sobre uma experiência de leitura com os poemas populares do cordelista Antônio Francisco, buscando perceber a recepção destes textos pelos alunos do Ensino Médio de uma escola pública da cidade de Assu/RN. Nesse sentido procurou-se responder a duas questões fundamentais: A literatura popular é trabalhada na escola? Existe familiaridade dos alunos com o texto literário popular. Os dados desta pesquisa apontam para ausência e escolarização inadequada da literatura, incluindo o desconhecimento do gênero cordel, uma vez que as concepções que os alunos exteriorizam não parecem partir de saberes construídos ao longo da vida escolar. Constatou-se que o caminho necessário para se formar leitores proficientes neste gênero literário, passa por promover o encontro do leitor com o cordel proporcionando à aquele que lê aflorar seu universo imaginário.

Palavras-chave: Poesia Popular. Literatura. Literatura de Cordel. Ensino.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A discussão sobre o ensino de Literatura, apesar de recente, vem ganhando grandes proporções no debate acadêmico, cujos enfoques se alternam entre sua função sustentar a formação do leitor, no ensino Fundamental ou de colocar esse leitor dentro da cultura literária brasileira, no Ensino Médio (MARTINS, 2006; SOARES, 1999). Essas discussões apontam que, na prática de sala de aula, esta disciplina está ligada ao ensino de português, o que muitas vezes, faz esse conteúdo ser trabalhado de forma separada da língua e estanque na abordagem do conteúdo. Desta forma, é comum perceber que o trabalho com a literatura se torna extinto no fazer pedagógico de sala de aula durante boa parte da escolarização. No último ano do ensino médio, quando ressurgue, a literatura é apresentada com total ênfase à historiografia literária. Ainda vale ressaltar que essa “apresentação” da literatura é feita a partir das obras exigidas pelos concursos, do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e de vestibulares. Apresentada dessa forma, a literatura é totalmente esvaziada de suas funções, pois os sentidos presentes no texto não são nem de longe prioridade.

Diante do panorama em que se encontra a literatura em sala de aula, falar sobre a abordagem da literatura de cordel torna-se ainda mais delicado. A literatura de cordel foi fundada na oralidade e, por ser uma manifestação artística produzida pelo povo, acabou adquirindo *status* de literatura menor, não sendo eleita para estudo, uma vez que por esses motivos não se inseriu dentro do cânone.

Considerando o exposto, este artigo se propõe refletir sobre o conhecimento que o aluno possui sobre literatura de cordel, qual o espaço reservado pela escola para esse gênero textual na sala de aula, além de refletir sobre a recepção da poesia popular pelos alunos de uma escola pública do município de Assu/RN.

Este trabalho partiu da monografia de título: A POESIA POPULAR NA SALA DE AULA: um estudo da recepção do cordel no Ensino Médio, que tinha por objetivo investigar a poesia popular, mais precisamente, a recepção da literatura popular por alunos do Ensino Médio de uma escola pública do município de Assu/RN, atentando para os elementos do texto que despertam a atenção desses leitores.

A monografia, por sua vez, é fruto de uma pesquisa maior intitulada “A literatura popular na sala de aula: uma experiência com a poesia de Antônio Francisco no Ensino Médio”¹. O projeto se constituiu na realização de uma experiência de leitura com a poesia popular desse cordelista, com o intuito de estudar a recepção de seus textos pelos alunos.

Para construção do *corpus* foi realizada uma aula com uma turma constituída por 23 alunos das turmas de 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio de uma escola pública do município de Assu/RN, colaboradores da pesquisa.

O *corpus* foi constituído com a aplicação de questionário com os colaboradores. Utilizamos o questionário para fazer um levantamento percentual sobre os aspectos investigados nas perguntas. Contudo, para análise, por questões didáticas, optamos por enunciados que melhor demonstravam, de uma forma geral, as características elencadas pelos alunos em cada pergunta. O questionário (continha 6 questões) possuía perguntas abertas e fechadas e contemplava aspectos tanto do campo literário: perguntas que exploravam o conhecimento que os alunos teriam acerca da literatura, como por exemplo, a concepção de literatura; como do campo da estética da recepção: por exemplo, questões que exploravam os aspectos textuais que lhes chamaram atenção, com objetivo de verificar a recepção do gênero. Os dados constituídos foram reunidos em gráficos para serem analisados.

Para verificar a recepção do gênero cordel na sala de aula, utilizamos os conceitos da estética da recepção, metodologia de análise formulada por Jauss (1979), com conceitos adotados de outros estudiosos como Gadamer e Iser, que procura investigar o efeito que uma determinada obra literária desperta no leitor, efeito que corresponde à resposta do público,

¹ Pesquisa coordenada pelas professoras Lílian de Oliveira Rodrigues e Maria da Conceição Silva Dantas Monteiro, do Departamento de Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/Campus Avançado Prefeito Walter de Sá Leitão.

condicionada pelo texto. Portanto, a recepção está ligada diretamente ao efeito, pois se refere à acolhida de uma obra pelo público na época de seu aparecimento.

Ainda para discutir os recursos da estética da recepção, fazem-se necessárias as leituras de Zilberman (2004), Jouve (2002) e Iser (1979), que trazem reflexões sobre esta teoria e sobre os pensamentos de Jauss. Para nortear as atitudes pedagógicas de trabalho do gênero na sala de aula, utilizamos Pinheiro (2001; 2007). A fim de nos situarmos na história do cordel, reportamo-nos a Abreu (2008) e, para a relação entre literatura e sociedade e literatura e realidade, a Candido (2002; 2004).

Alguns conceitos sobre a recepção do texto: apresentando a experiência

A princípio, vale ressaltar, que embora o “leitor” possa ser lembrado de um modo geral, não é demais advertir que estamos tratando do leitor participante da pesquisa, alunos do Ensino Médio de uma escola pública do município de Assu/RN.

Os leitores em questão pertencem em grande parte a um contexto rural, ou de dificuldades sociais, mesmo assim têm acesso aos meios de comunicação e, portanto, conhecem os assuntos em discussão, como indivíduos sociais pertencentes a determinado grupo no qual estão inseridos, percebem as desigualdades e dificuldades de seu meio.

Para medir a recepção da literatura de folhetos, primeiro, existiu uma sondagem do horizonte de expectativa dos alunos. Antes das leituras propostas para os alunos na fase de aplicação do experimento, provocamos as suas ideias prévias acerca do que tratava o texto a partir do título e confrontando tais ideias com sua realidade. Como nenhum texto é inteiramente novo, por meio de questionamentos, os alunos com a produção de inferências, puderam implicar do que tratava o texto. Essas atitudes de sondagem dos conhecimentos dos alunos, ainda durante o experimento, possibilitaram entendermos os seus horizontes de expectativas, que por sua vez foram essenciais para as análises dos resultados, para chegarmos às categorias estéticas.

Quando falamos no que o texto suscita ao leitor, estamos nos referindo ao horizonte implícito de expectativa, correspondente ao leitor intraliterário, postulado pelo texto. Sua finalidade é a de ser capaz de receber, decodificar, interpretar, compreender de forma satisfatória a obra literária tendo como base apenas a estrutura textual, a partir do que está colocado literalmente.

Um texto é recriação de diversos textos anteriores, de diversas vozes. Portanto, o leitor real não pode se utilizar unicamente do que está explícito literalmente para chegar a uma

compreensão geral da obra, para esse fim, ele lida constantemente com algo chamado de conhecimento prévio.

O conhecimento prévio, diz respeito a um verdadeiro oceano de informações explícitas/extraliterárias que são fundamentais para se compor a coerência do texto. Estamos falando do horizonte de expectativas do leitor enquanto indivíduo social. Essas informações são ativadas a todo o momento durante a leitura, porque é a partir delas que o leitor pode construir a lógica textual. Essa constante relação de leitor-texto, texto-informações do leitor é o que se denomina de ‘inferência’ e são construídas pelo autor ao pressupor que o leitor tenha conhecimento e experiências suficientes para deduzir e completar o que não está expresso em palavras.

Por que o leitor passa por esse processo para compreender a obra? Porque o autor a escreve com base na realidade que vê ou na sua própria realidade histórico-social.

Para tanto, as obras não precisam ser ou trazer informações completamente verdadeiras, basta que o leitor acredite, a partir da narrativa, no espaço de verossimilhança criado pelo autor. Sabe-se que a obra é fictícia, mas por mais simbólica ou abstrata possível traz em si questões da realidade na qual as pessoas estão inseridas.

Jouve (2002, p. 27) compreende que,

O horizonte de expectativas é definido por Jauss por normas essencialmente estéticas: o conhecimento que o público tem do gênero a que pertence a obra, a experiência literária herdada de leituras anteriores (que familiarizam o público com certas formas e certos temas) e a dimensão vigente entre linguagem poética e linguagem prática.

Dessa forma, observamos o conhecimento que o aluno possui sobre o tema a ser tratado, acerca do gênero, suas experiências acumuladas ao longo do tempo, ou seja, estamos trazendo à tona o seu saber prévio histórico-social, intelectual e afetivo. Sendo assim, podemos perceber o que o texto suscita ao leitor e como o leitor contribui com suas informações mantendo assim o diálogo e efetivando a recepção.

Leitor e sociedade: a situação do leitor

A realidade ficcional da obra de Antônio Francisco traz elementos da realidade dos alunos. Como a maioria dos folhetos deste autor, o cordel “*Os sete constituintes ou Os animais tem razão*”, texto trabalhado no experimento que analisamos, além de transmitir um

pensamento de ordem moral, tem um forte apelo social de denúncia, que envolve emocionalmente o leitor.

O leitor encontra-se dividido na leitura entre tomar posse do lugar do sertanejo ou dos animais. Dividido entre tantos personagens pode se ver em todos eles, dessa forma o leitor pode julgar as informações dadas na história, mas no fim é direcionado a uma ideia final implícita devido à reflexão moral que o poema tem como base.

Como “ser”, embora se veja em vários personagens, o leitor acaba assumindo o lugar do sertanejo, homem e narrador observador de toda história. A ausência de nome para tal personagem é uma estratégia para envolver o leitor, classificada por Iser (1979) como pertencente a “estrutura de apelo do texto” um ponto de indeterminação que pode ser preenchido pelo leitor e exerce efeito sobre ele, esses pontos são criados com a finalidade de direcionar a leitura e definir a atividade do leitor.

A ausência de nome para o sertanejo viajante que se depara com tal reunião é uma estratégia empregada pelo autor para estreitar a distância da obra com o público. Esta atitude nos transporta para o texto não apenas como observador, mas como participante, o leitor como coautor da obra sente o prazer de observar, essa ação equivale à função comunicativa da arte que Jauss (1979, p. 80) denomina de *poíesis*.

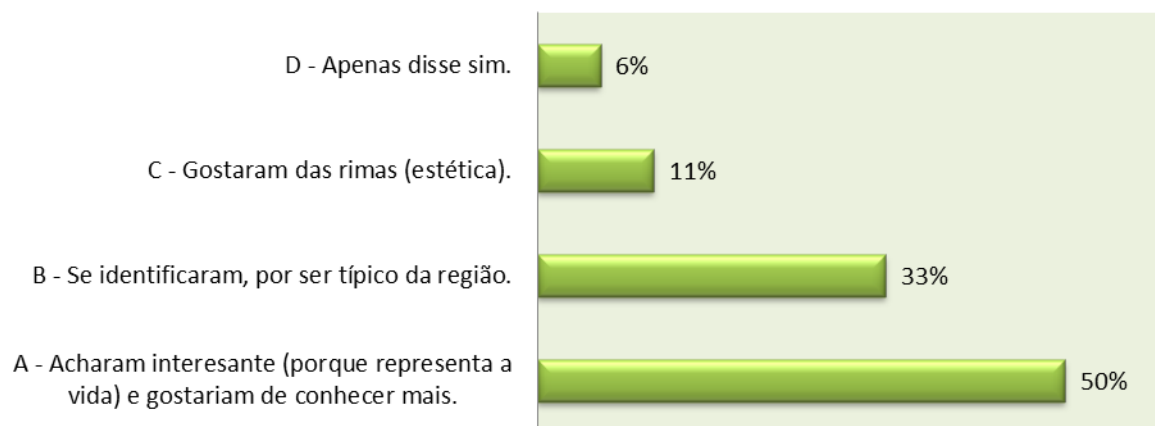
A identificação equivale à resposta do leitor e envolve tanto o aspecto intelectual, referente ao que o texto suscita ao leitor, aspectos de ordem formal/estrutural, quanto afetivo referente a aspectos de ordem psicológica, sentimental, quando o leitor se identifica com a história, com o personagem. “A identificação com algumas situações ficcionais nos permite reviver os cenários fantasmáticos da infância; por outro, certo detalhe do texto desperta em nós imagens íntimas: é o que se chama de ‘lembranças-telas’” (JOUVE, 2002, p.118), o texto mantém a relação com o meio social, e é por meio dessa relação que o leitor através do processo de identificação pode concretizá-la.

A poesia é um dos gêneros literários mais subjetivos, que encantam pela carga emotiva que despertam no seu leitor, isso acontece por dois fatores: pelo conteúdo que nos retorna as imagens afetivas de nossa infância, de acontecimentos que nos marcaram de alguma maneira, mas também pela forma que age juntamente com o conteúdo para emocionar o leitor.

Na questão que se segue atentamos para a relação da poesia com a realidade dos alunos participantes do experimento, alunos que dividem com o poeta o espaço de referência histórico e social, percebemos a aproximação da literatura de folhetos com o cotidiano dos alunos, com a vida, expondo assim o horizonte de expectativas de uma forma afetiva por meio

da seguinte questão: ‘Já tinha ouvido falar de Antônio Francisco? O que você pensa sobre ele e sua poesia? Essa questão nos possibilitou chegar ao seguinte gráfico:

Gráfico 05 – Interesse dos alunos por literatura de cordel



Podemos observar que a grande maioria dos alunos gostaria de conhecer mais sobre a literatura popular (coluna A) “porque é a representação da vida” (Q03_R03). Nessa fala, vale ressaltar que a aluna não cita a representação da realidade de um modo geral, como concepção de literatura, mas como representação da sua realidade, do convívio cotidiano.

“Porque é um trabalho que mostra a realidade que a maioria da humanidade não dá importância” (Q04_R03). Nessa fala, o aluno demonstra também um efeito sensível condicionado pela obra.

A obra consegue sensibilizar intelectual e emocionalmente os alunos, por meio do prazer em presença à arte que imita sua realidade. Percebemos nas respostas que o texto causa certo tipo de impacto sobre eles, principalmente de efeito sensível, isto é o que se denomina de catarse, o prazer de si no prazer do outro, que pode ser percebido quando eles demonstram empolgação ao exteriorizar com valor de verdade as normas de ação que assimilaram da obra.

Na coluna B, percebemos a identificação dos alunos com o texto porque essa forma de expressão retrata a sua realidade tal como ela é: “porque é um típico da gente, da nossa região que é obrigatório pra gente conhecer os nossos cordelistas” (Q14_R03), os alunos reconhecem a linguagem utilizada nos poemas como pertencente à cultura deles, enfatizando bem “nossos cordelistas” e esta linguagem está dentro de um gênero estruturado com uma forma fixa, esses aspectos juntos tendem a ser motivadores, fator que desperta o interesse deles: “Porque eu achei muito interessante, as linguagens, as poesias, etc.” (Q16_R03); “Porque eu acho uma literatura muito boa, é legal as rimas, as palavras” (Q17_R03).

No que se refere à coluna C: “gostaram das rimas”, percebemos a atenção que a forma/estrutura da poesia popular recebe dos alunos, como fator substancial para aceitação e prazer da leitura desse gênero, no entanto subentendemos que não se trata apenas da forma/métrica, mas também da linguagem de um modo geral, pois considerando as colunas A e B podemos compreender que a linguagem marcada oralmente nos versos é de importância real e está ligada às respostas anteriores.

Portanto, aqui fica claro que a literatura de cordel vai ao encontro do horizonte de expectativas dos alunos quando retrata sua realidade. Um bom motivo dessa aceitação é a linguagem, os alunos desde o princípio sentem-se à vontade para tecer comentários, abrir discussões acerca do tema, manifestarem sua opinião e ideias, porque o texto os põe tranquilos ao utilizar-se de uma linguagem e temas conhecidos por eles.

A *katharsis*, experiência comunicativa básica da arte, consiste em assumir uma nova postura quando o texto, por meio das informações que traz, expande sua visão de mundo, legitimando as normas de uma obra literária, mas isso só acontece se de alguma forma o leitor se identifique com o que lê. Nas respostas dos alunos, podemos perceber que diversos fatores definiram o processo de identificação pelos personagens e pelo texto de um modo geral: a linguagem, a estética, a abordagem do seu contexto social, dentre outros. A *katharsis* seria um desejo de aplicação das normas transmitidas, pois o leitor se sente libertado do código dominante.

Ao aceitar a contestação das normas vigentes pelo folheto, admitindo-as como um novo padrão de interação, o autor está ampliando o seu horizonte de expectativas, pois cognitivamente ele se identificou com o personagem que no texto passa por esse processo, portanto o leitor concretiza a obra, uma vez que entende a sua mensagem, e a obra emancipa o leitor porque lhe confere uma nova dimensão existencial.

Sendo assim, o texto se comunica com o leitor e por isso veicula normas que estão em pauta para ir em oposição a elas postulando um outro padrão implícito, o da preservação, o diálogo mantido com a obra faz o leitor adotar tais padrões como modelos de ação. Cada pessoa pode rever suas próprias atitudes, preservar, melhorar o ambiente em que vive. A relação que a obra faz com a realidade trazendo para si as normas sociais se caracteriza como padrões de interação, que mostram ao leitor o que lhe compete fazer, portanto, a obra pode veicular normas já vigentes, criar um novo padrão de normas ou ir em oposição a normas.

Quando entra em oposição a normas vigentes, o texto está ampliando o horizonte do leitor, uma vez que lhe fornece uma nova visão da realidade, um novo padrão de comportamento, é o que Jauss denomina de emancipação. A quebra do código em vigor que

atribui ao leitor novas dimensões existenciais, nova visão do mundo, de determinado assunto, um novo olhar, por esse motivo se diz que a obra liberta o leitor, pois possibilita o desprendimento dos padrões, das normas sociais estabelecidas e cotidianas.

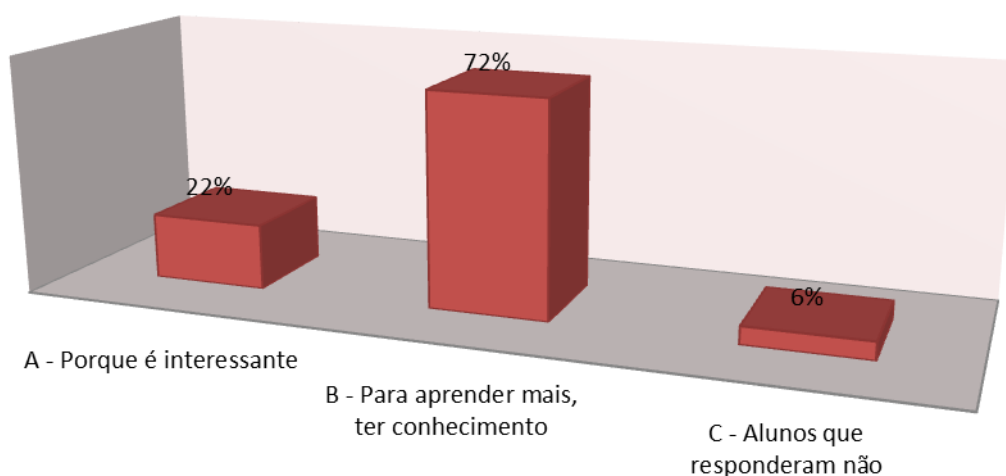
As formas de se manter esse diálogo é por meio do horizonte de expectativas, o horizonte intraliterário de expectativas completa e se completa por meio do horizonte do leitor. Outros dois pontos que se fundem para efetivar o diálogo: o leitor implícito, proposto pelo texto, com o leitor explícito, indivíduo que completa o sentido da obra com o seu conhecimento histórico-social e, portanto responsável pela recepção.

A recepção do gênero cordel na sala de aula do Ensino Médio.

A recepção se refere ao acolhimento da obra pelo público quando o leitor compreende a pergunta para a qual o texto foi a resposta, e se efetiva, de fato, por meio da experiência estética. A resposta do público motivada pelo texto é o efeito ou impacto que a obra teve sobre ele.

Percebemos que o leitor em questão compreende a pergunta para a qual o texto foi resposta, admitindo a nova postura transmitida. Sentindo o prazer estético ante o imitado no decorrer da leitura que causa impacto sobre ele. Por isso, o público cria expectativa em torno de outros textos do poeta, pois anseiam conhecê-los. Perguntamos aos alunos se gostariam que os professores trabalhassem literatura de cordel e por quê. Essa questão revelou a expectativa e interesse deles pela poesia popular:

Gráfico 06 – Expectativa dos alunos em relação à literatura de cordel



Como pode se observar na tabela acima, 94% dos alunos desejam se aprofundar no universo imaginário das histórias dos folhetos e gostariam que os professores trabalhassem o gênero em sala de aula.

As expectativas deles se embasam em diversos fatores. A identificação com as histórias, com os personagens típicos do nordeste são alguns dos fatores que fazem com que gostem e se interessem por conhecer mais sobre literatura e poesia (coluna A): “Porque achei bem interessante falar sobre a poesia, e os poemas” (Q07_R04); “Porque é muito interessante para termos conhecimentos da literatura de cordel” (Q14_R04). Percebemos que suas falas focam não apenas o gosto, mas a visão de aquisição do conhecimento como uma necessidade, algo ‘interessante’ produzido no Estado e que eles ainda não conhecem.

Outro fator que motiva as expectativas dos alunos pela poesia popular é o ufanismo, o reconhecimento da poesia produzida pelos poetas do Estado, saber que o poeta de versos populares já pertence à Academia Brasileira de Literatura de Cordel e que esse poeta é potiguar desperta no aluno o orgulho pela sua terra, por pertencer ao nordeste, e o seu interesse em conhecer mais sobre o gênero, as formas, as histórias, enfim em se aprofundar nessa literatura: “Porque teríamos mais conhecimentos sobre o assunto” (Q12_R04); “Porque é muito importante para o nosso conhecimento” (Q11_R04); “Para desenvolver o aprendizado” (Q15_R04); “Porque dava pra gente ter mais entendimento sobre o assunto” (Q17_R04).

Até então, os alunos deveriam pensar que as manifestações definidas como literárias e conhecidas na escola sempre estavam distante da realidade deles, não chegavam nunca até seus contextos sociais cotidianos, acabavam se colocando em um grupo social marginalizado que não consegue produzir arte ou que sua arte não poderia ser reconhecida pelos demais.

“Porque já deveria ter começado. Desde o pré, desde a infância. Para conhecermos um pouco mais do passado” (Q08_R04). Esse aluno ainda reconhece que a poesia popular não é apenas mais um tipo de literatura qualquer, como tantos textos que existem com o rótulo de literatura, mas que em seus versos se encontram registrados a história de um povo, ele reconhece nos versos do poeta sua história ou as histórias que talvez seus avós já tenham contado sobre como era “antigamente”. Sendo assim, o folheto é história, uma vez que registra fatos da vida cotidiana de uma determinada comunidade.

Ainda nos parece terem interesse em entender e assimilar o que ainda não sabem. Muitas vezes, visto como apático incapaz de pensar, os alunos surpreendem com suas observações de interpretação do poema: “Porque defende nossos interesses ambientais e tentando fazer com que as pessoas mudem de opinião, para melhor” (Q04_R04), percebemos

aqui, como os espaços vazios deixados pelo autor foram bem preenchidos, pois o aluno compreende como o autor construiu o texto, ele não apenas toma as informações como normas de ação ao se envolver com a história, mas compreende que esse era o objetivo do autor ao criá-la. Muitas vezes, quando lemos um texto nos envolvemos a tal ponto com a história e/ou com os personagens que nos identificamos que acabamos por não atentar para as intenções do autor.

A recepção do poema, portanto, é positiva, pois a obra é acolhida e compreendida pelo público se mantendo em diálogo com ele e percebemos que o leitor passa pelas categorias da experiência estética, identifica-se com o protagonista do poema e envolve-se pelo prazer estético, na fruição compreensiva e na compreensão fruidora.

Vimos como a obra age e contesta o sistema vigente, por meio dos personagens críticos que fornecem uma nova visão ao tema, instaurando uma mudança, o narrador direciona o leitor a fazer o retrospecto, refletir para enxergar mais do que o texto suscita, se isso não acontecesse, o leitor estaria restrito a visão de um ou mais personagens adquirindo um ponto de vista apenas, mas como o leitor não é passivo preenche os espaços com suas informações/conhecimentos alargando por meio da história essa percepção.

No poema, o narrador (emancipado) adquire uma nova visão do mundo e das coisas, de um modo geral o leitor por via cognitiva também acaba por sofrer esse processo, uma vez que se identifica com o personagem concretizando a obra e se tornando um sujeito livre, nas palavras de Jauss: emancipado.

Esses pontos nos ajudaram a entender como os leitores em questão receberam a obra e como a recepção influencia as suas expectativas em torno de novos textos do gênero e do poeta. Porque nos fornecem subsídios, direções para um trabalho satisfatório com a poesia popular na sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do percurso deste trabalho, vimos pontos relevantes sobre a relação literatura e ensino, temática que desperta muitas discussões por quem busca respostas e soluções para que o trabalho com a literatura na sala de aula deixe de ser mecanicista e guiado por exigência de determinadas obras nos processos seletivos ou exames.

Embora explorada timidamente, a poesia popular vem ganhando seu espaço, não apenas na escola, como também no meio acadêmico. Por meio de análises literárias, os

recursos da poética nordestina vêm sendo reconhecidos, e vistos como material poderoso de educação devido sua capacidade de humanizar.

Os dados desta pesquisa apontam para ausência e escolarização inadequada da literatura, uma vez que as concepções que os alunos exteriorizam não parecem partir de saberes construídos ao longo da vida escolar.

No entanto, a observação da recepção do gênero visando um trabalho que integre literatura e estética da recepção possibilita reconhecer e lidar com as expectativas dos alunos, com o que apreciam ou não, como abordar um texto poético em sala de aula levando em consideração os aspectos que motivam o aluno, revela-se um método norteador ao pensar na abordagem não apenas do cordel, mas da literatura na sala de aula. Possibilita observar o conhecimento que o aluno possui sobre o tema a ser tratado, acerca do gênero, suas experiências acumuladas ao longo do tempo, ou seja, traz à tona o saber prévio histórico-social, intelectual e afetivo. Percebemos também como a obra do poeta, Antônio Francisco, envolve intelectual e afetivamente o leitor, se mantendo em diálogo com ele por meio do horizonte de expectativas: o horizonte intraliterário de expectativas completa e se completa por meio do horizonte do leitor.

Como toda interpretação é contextual, se torna mais simples para o aluno partir para questões de análise literária, por exemplo, se o texto pertencer ao seu contexto histórico cultural ou que resgate esse contexto, assim aspectos colocados pelo autor, que está inserido em um mesmo lugar histórico, serão mais claramente entendidos e de maneira mais prazerosa do que se abordasse a compreensão de uma cultura ou história que não o pertencem.

Trabalhar um texto fora do contexto do aluno pode não chamar sua atenção ou não lhe interessar, então os objetivos secundários de uma primeira proposta, ou seja, da leitura literária se tornam um desafio para o professor, pois ele terá um problema prévio: motivar o aluno ao texto e à compreensão primeiramente. Concordando com Compagnon (2010, p. 63): “Toda interpretação é contextual, depende de critérios relativos ao contexto onde ela ocorre, sem que seja possível conhecer nem compreender um texto em si mesmo”.

As informações geradas pelos gráficos revelam o interesse e a expectativa dos alunos em torno do gênero cordel que não pode ser desconsiderado, pois um trabalho que privilegia a abordagem da poesia popular é um trabalho que leva em consideração a história do Estado e até do município, da realidade do aluno, privá-lo do contato com tal poética é vetar sua formação de sujeito.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. 3. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 169-191.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul. São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- CANDIDO, Antonio. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades, 2002.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.
- CARVALHO, Maria Edneide Ferreira; RODRIGUES, Lilian de oliveira. Diálogos entre a cultura popular e a escola: a inserção da obra *dez cordéis num cordel só*, do cordelista Antonio Francisco, no PSV da UERN. In: SILVA, Márcia Tavares; RODRIGUES, Etiene Mendes (Org.). *Caminhos da leitura literária: propostas e perspectivas de um encontro*. Campina Grande: Bagagem, 2009. p. 177-187.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução Cleonice Paes Barreto Mourão; Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luiz Costa (coordenação e tradução). *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.
- JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa (coordenação e tradução). *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.
- JOUBE, Vincent. *A leitura*. Tradução: Brigitte Hervor. São Paulo: Editora UNESP. 2002.
- LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores e literatura*. São Paulo: Moderna, 2001.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1999.
- LAJOLO, Marisa. Tecendo a leitura. In: _____. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1999.
- MARTINS, Ivanda. A literatura no Ensino Médio: quais os desafios do professor? In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (Orgs.) *Português no Ensino Médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- MELO, Antonio Francisco Teixeira de. *Dez cordéis num cordel só*. 8 ed. Mossoró: Queima Bucha, 2006.
- PINHEIRO, Hélder (Org.). *Pesquisa em literatura*. Campina Grande: Bagagem, 2003.
- PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula*. 3. ed. Campina Grande: Bagagem, 2007.
- PINHEIRO, Hélder; MARINHO LÚCIO, Ana Cristina. *Cordel na sala de aula*. São Paulo: Duas Cidades, 2001.
- SOARES, Magda. *A escolarização da literatura infantil e juvenil*. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani. (Org.). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 2004.